

## RESENHA

---

SOUZA, Sandra Regina Barbosa da Silva. Ousar lutar, ousar vencer: história da luta armada em Salvador (1969 – 1971). Salvador: UFBA, 2013.

### **LUTA ARMADA EM SALVADOR: Uma história de resistência ao regime militar no Brasil**

**Manoel Reinaldo Silva Rego**

Professor de História da Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista  
msilvarego6@gmail.com

Os estudos sobre Ditadura Militar colhem novos frutos. Vivemos uma fase marcada por discussões recentes promovidas por algumas entidades sobre abertura de arquivos, 50 anos de Golpe Militar, punição a torturadores, reconstrução de uma memória sobre o regime imposto em 1964.

Na Bahia, muito ainda tem de ser pesquisado sobre a temática. Porém, os trabalhos já publicados demonstram que a participação deste Estado, no que se refere à resistência à ditadura, não foi periférica, como supõem os estudos produzidos, principalmente, no eixo Rio – São Paulo. Para Sandra Regina, a partir das investigações feitas, Salvador não foi somente área de recuo, como aborda a maioria dos trabalhos sobre o regime militar brasileiro.

Na capital baiana, também houve atividades das organizações armadas, como o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8) e a Vanguarda Armada Revolucionária (VAR – Palmares). Aborda a autora que, muitas das vezes, poderia acontecer o contrário: os revolucionários que atuavam na Bahia utilizavam as metrópoles do sudeste como área de recuo.

Objeto de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2003, esse livro, ora resenhado, deve ganhar espaço no meio acadêmico por abordar um tema que muito ainda deve ser pesquisado, por deixar várias

lacunas e por ser tão enigmático e caro à esquerda radical brasileira no contexto da ditadura no pós 1968: a luta armada.

O livro apresenta um mosaico de histórias a partir de documentação pesquisada pela autora. Somando com fontes orais, Sandra Regina constrói uma narrativa expondo os ideais e atividades políticas de pessoas comuns, na maioria estudantes que pegaram em armas contra a ditadura ou foram simpatizantes à luta armada em Salvador.

A obra problematiza as concepções e convicções de uma esquerda radical que recorre às armas para enfrentar o governo dos generais. Além disso, a autora aborda as divergências internas, a estrutura rígida dessas organizações, bem como a fragilidade econômica com que deparavam esses revolucionários que, diante da forte repressão, lutavam até mesmo pelos meios de subsistência.

A autora de *Ousar lutar, ousar vencer* defende uma tese na qual define como embrião da luta armada o movimento estudantil do Colégio Estadual da Bahia, o Colégio Central. Neste referido estabelecimento de ensino, menciona Sandra Regina (2013, p. 43), em 1968 foi criado um Conselho de Representações de Salas, cujo objetivo principal era levar reivindicações dos estudantes à Direção do Colégio. Mais tarde, a maioria dos discentes integrantes deste conselho iria participar da luta armada em Salvador.

Como é explorado na literatura sobre a temática, o Maio de 1968 foi decisivo nos rumos do movimento estudantil em várias partes do mundo. A ocupação das tropas soviéticas em Praga e a Primavera em Paris fizeram com que os reflexos desses acontecimentos repercutissem no mundo, principalmente no movimento estudantil. Neste mesmo contexto histórico, no Brasil, os acordos entre MEC (*Ministério da Educação e Cultura*) e USAID (*United States Agency for International Development*) levaram muitos secundaristas e universitários brasileiros às ruas para protestar contra as reformas no ensino e a repressão ao movimento estudantil.

Da mesma forma, a bibliografia existente possibilita avaliar que as organizações de esquerda que pegaram em armas para se contrapor ao regime militar no Brasil não foram homogêneas, tampouco conseguiam aglomerar volumoso número de militantes. Não compete aqui fazer um levantamento bibliográfico sobre a temática, mas podemos mencionar que a pesquisadora Maria Paula de Araújo denominou esses aparelhos de “*Utopia fragmentada*”. Fragmentos de grupos políticos distintos que podemos observar no trabalho sobre a luta armada em Salvador. Porém, entre essas divisões internas, que é perceptível, havia um ideal em comum: lutar contra o governo dos generais.

Sandra Regina assegura que, em Salvador, a dinâmica da luta política clandestina e da transformação dos militantes políticos em “revolucionários profissionais,” muitas das vezes, tinha raízes na teoria de Partido de Lenin. Segundo esse autor, teórico e revolucionário russo, principalmente no livro *O que fazer?* O princípio leninista exposto nesta obra se baseia na

ideia de que toda organização revolucionária profissional tem uma finalidade clara: fazer a revolução.

Desta forma, menciona a autora do livro aqui resenhado que a principal tarefa dos integrantes da atividade política clandestina, luta armada, foi a delegação e cumprimento de tarefas, reuniões, recrutamentos e treinamentos de militantes, trabalhos de agitação e propagandas. Ou seja, fazer a revolução tendo como uma das principais referências teóricas o revolucionário russo.

Os efeitos da repressão, conjuntamente com uma série de fatores, fizeram com que o ideal dos revolucionários entrasse em colapso no início da década de setenta. Essa forte repressão por parte da polícia política, através de um sistema eficiente de espionagem, culminou com a prisão de vários integrantes dos partidos e com as terríveis torturas, o que, muitas das vezes, levou a queda de aparelhos inteiros. Afixados pela perseguição, até mesmo membros desses partidos políticos clandestinos se entregaram à polícia.

Podemos mencionar, mesmo que de forma relativa, que a luta armada na Bahia, desta forma também em Salvador, entrou em colapso irreversível com a morte do integrante do MR-8 Carlos Lamarca, no interior do Estado em 1971. A partir desse momento, praticamente não teve como dar continuidade ao processo revolucionário armado. Esses partidos clandestinos passaram a fazer campanha pelo voto nulo, ideal já defendido por parte da oposição partidária branda ao regime militar: o MDB.

Muitas calúnias foram escritas sobre a esquerda, que pegou em armas para contrapor o regime militar: terroristas, comunistas representantes do anticristo e devoradores de criancinhas, etc. Também não podemos deixar de mencionar as conotações pejorativas reducionistas que saíram, inclusive, do meio acadêmico: a esquerda armada apenas queria “bolchevizar” o Brasil nos moldes soviéticos.

Entretanto, não podemos deixar de mencionar que o programa da esquerda amada focava, entre outro, na luta contra a exploração do Brasil pelo capitalismo internacional, pela reforma agrária e pela democracia, por pão, terra e liberdade, por ensino público voltado para o interesse do povo brasileiro – cenário de lutas reivindicatórias, aliás, bastante atual. Diante disso, jamais podemos deixar de citar os saldos deixados por esses revolucionários: o da luta contra injustiças sociais, o do inconformismo, o de uma sociedade que continuava a reproduzir enorme desigualdade social.

É preciso notar que hoje percebemos com clareza os erros cometidos pela esquerda armada que lutou contra a ditadura: a fragilidade logística e financeira das organizações, a inexistência de apoio popular que, embora evidente, os revolucionários acreditavam existir ou consegui-lo. Ao ler o livro de Sandra Regina, perceberemos essas limitações nos aparelhos revolucionários.

Porém, temos que considerar os vários fatores que levaram esses militantes a cometer tais equívocos: a falta de tradição no povo brasileiro de lutas políticas contra o poder constituído, a impossibilidade desses revolucionários em voltar a ter uma vida normal após adentrar num partido clandestino e, sobretudo, porque, até mesmo nos meios militares, houve quem ficasse assustado com a tamanha dimensão da agressividade e repressão feita pelo regime imposto em 1964.

### **SOBRE O AUTOR**

Possui graduação em história pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2006) e graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (2001). Tem Especialização em Educação, Cultura e Memória (2010) Especialização em História, Cultura, Política e Sociedade (2011), ambas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Atualmente é professor de História da Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista.